



GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

ISSN 2177-3688

EDUCAÇÃO EM INFORMAÇÃO: PERCEÇÃO DOS ARQUIVISTAS E BIBLIOTECÁRIOS BRASILEIROS

INFORMATION EDUCATION: PERCEPTION OF BRAZILIAN ARCHIVISTS AND LIBRARIANS

Gleise da Silva Brandão - Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Jussara Borges - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A mediação da informação é um fenômeno transformador que ao voltar-se para a construção de conhecimento pode estimular a educação em informação. A educação em informação é uma formação crítica dos sujeitos perante o contexto infocomunicacional, a partir da qual eles desenvolvem uma postura reflexiva, autônoma e emancipadora. Buscando correlacioná-la ao papel do mediador, objetivou-se verificar a percepção e atuação de arquivistas e bibliotecários sobre a educação em informação. Assim, procedeu-se a aplicação de questionário online com 29 desses profissionais que participaram de uma ação voltada à promoção de competências infocomunicacionais. Os resultados indicam que os participantes reconhecem que o seu papel tem caráter social e político e está relacionado à educação em informação; bem como a contribuição das competências infocomunicacionais nesse processo. Há um equilíbrio entre aqueles que já desenvolveram ou não ações educativas, contudo a maioria consiste em capacitações e treinamentos. Conclui-se que tais profissionais reconhecem a educação em informação como parte de seu papel mediador, no entanto ainda não tem clareza sobre como fazê-lo. Embora a concepção de educação em informação esteja gradativamente inclinando-se para uma perspectiva dialógica, crítica e reflexiva, a prática desenvolvida ainda traz indícios de uma visão instrumental.

Palavras-chave: mediação da informação; educação em informação; competências infocomunicacionais.

Abstract: The mediation of information is a transforming phenomenon that, by focusing on the construction of knowledge, can stimulate education in information. Education in information is a critical formation of the subjects before the infocommunication context, from which they develop a reflective, autonomous and emancipating posture. Seeking to correlate it with the role of the mediator, the objective was to verify the perception and performance of archivists and librarians on information education, so an online questionnaire was applied to 29 of these professionals who participated in an action aimed at promoting skills infocommunication. The results indicate that the participants recognize that their role has a social and political character and is related to information education; as well as the contribution of infocommunication skills in this process. There is a balance between those who have or have not developed educational actions, however most consist of qualifications and training. It is concluded that such professionals recognize education in information as part of their mediating role, however they are still unclear about how to do it. Although the conception of information education is gradually leaning towards a dialogical, critical and reflective perspective, the practice developed still bears evidence of an instrumental view.

Keywords: information mediation; information education; infocommunication skills.

1 INTRODUÇÃO

As reflexões aqui trazidas se apoiam em três importantes pressupostos. O primeiro está relacionado ao caráter social que tem o papel do mediador da informação, uma vez que este se preocupa com a emancipação do sujeito no cenário informacional. O segundo parte da percepção de que a ação mediadora é um fenômeno transformador que ao voltar-se para a construção de conhecimentos pode estimular a educação em informação. Nesse sentido, o terceiro centra-se na ideia de que se necessita de uma postura mais ativa, consciente e colaborativa no sentido do desenvolvimento dessas ações educativas.

Compreende-se que a mediação da informação é um processo de negociação e possui caráter dialógico, capaz de promover a apropriação da informação e contribuir para a autonomia do sujeito no processo de satisfação de suas necessidades informacionais. Nesse sentido, ao discutir o papel do mediador da informação na contemporaneidade, considera-se que tal papel engloba a formação dos sujeitos informacionais, o que envolve desde a busca pelo entendimento da necessidade informacional do sujeito até a orientação em torno do uso ético e crítico da informação. Logo, acredita-se que o papel desse mediador tem caráter social e visa contribuir para uma maior autonomia dos sujeitos no processo de satisfação de suas necessidades informacionais e se reflete, sobretudo, na educação em informação.

Identificou-se, a partir das reflexões tecidas em pesquisa de doutoramento (BRANDÃO, 2021), que para desenvolver a ação mediadora de forma mais consciente faz-se necessário repensar conhecimentos, habilidades e atitudes na postura dos arquivistas e bibliotecários. Portanto, entende-se ser necessário o desenvolvimento tanto da competência em informação quanto da competência em comunicação, imbricadas no conceito de competências infocomunicacionais, uma vez que o mediador precisa lidar com os processos informacionais, se relacionar com o sujeito e, sobretudo, orientá-lo no processo de busca e uso crítico das informações. O desenvolvimento dessas competências – apoiado nos fundamentos da mediação da informação e da conscientização – conduz o mediador, gradativamente, a uma atuação mais consciente e estimula a construção de um perfil protagonista que se mostra essencial na promoção de ações educativas em informação.

Em 2022, desenvolveu-se um curso de extensão voltado para arquivistas e bibliotecários brasileiros visando à promoção de competências infocomunicacionais, a partir de uma parceria entre a Universidade Federal da Bahia (UFBA), a Universidade Federal do Rio

Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade de Ouro Preto (UFOP). O planejamento do curso teve início em março, reunindo 18 profissionais entre pesquisadores, professores, monitores e pedagogos. Realizado no período de julho a outubro do referido ano, em modalidade semipresencial, com carga horária de 85 horas, contemplou quatro módulos a saber: introdução; competência em informação; competência em comunicação; promoção de competências infocomunicacionais. O curso contou com 100 participantes, dos quais 50 concluíram com aprovação. Durante o quarto módulo do curso, em setembro, aplicou-se um questionário online com questões abertas e fechadas, respondido por 29 dos participantes, a fim de verificar a percepção dos arquivistas e bibliotecários acerca da Educação em Informação, objetivo deste trabalho. Para fins de análise dos dados obtidos, adotou-se a análise de conteúdo, que foi baseada nos preceitos defendidos por Bardin (1977). Os resultados foram, então, descritos, analisados e interpretados.

Quanto à estrutura, este trabalho é composto por quatro seções além desta introdução. A segunda seção aborda o conceito de educação em informação pela perspectiva da Ciência da Informação; a terceira relaciona o papel do mediador à educação em informação; a seguinte analisa os resultados da pesquisa; por fim, são trazidas as conclusões.

2 EDUCAÇÃO EM INFORMAÇÃO

Neste trabalho, a educação é compreendida desde uma perspectiva social, uma educação que promove a reflexão sobre o mundo e a possibilidade de transformá-lo. Trata-se de uma abordagem diferente da educação usualmente praticada no Brasil, mais voltada à formação para o trabalho, à competitividade e à individualidade, na qual o enquadramento neoliberal mostra-se naturalizado.

Para Freire (2019), quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor. Coadunamos com essa compreensão e com isso já situamos com qual noção de educação pensamos promover o uso saudável da informação e da comunicação: não se trata de uma educação instrumental, que meramente ensina as pessoas a memorizar informações ou a fazer alguma coisa, mas uma educação que se propõe a estimular as pessoas a pensar se e porque elas precisam aprender essas coisas.

Com uma noção inicial de educação, vale questionar a segunda parte da expressão “educação em informação”. A Ciência da Informação é uma área do conhecimento que tem interesses de investigação bastante diversos, como Memória, Comunicação científica, Gestão

da informação, entre tantos outros. Mas dentre as questões mais agudas e demandantes de atenção na atualidade está o fenômeno da desinformação. Existe uma série de tipos e níveis de desinformação: informação falsa, informação fora de contexto, informação desatualizada, informação tendenciosa, informação que se pretende enganosa com a intenção de enganar, e a outra que está enganada, mas não tem essa intencionalidade, infodemia e muitos outros tipos e níveis de desinformação (HELLER; JACOBI; BORGES, 2021). A desinformação é agravada por uma outra característica social contemporânea, que é a pós-verdade. A pós-verdade é esse desdém pela veracidade, onde a crença tem mais valor que a realidade. Para Schneider (2023, p. 62) se necessita “[...] combater legalmente o controle oligopolista e corporativo dos fluxos, tempos, conteúdos, acesso [...], [e] promover o fomento à alfabetização midiática e informacional em larga escala [...]”.

A educação em informação procura abraçar todas essas possibilidades formativas ao mesmo tempo em que avança para uma perspectiva epistemológica ao discutir a própria noção de educação empregada nessa formação (BORGES; BRANDÃO; BARROS, 2022). Um dos caminhos é promover competências infocomunicacionais (BORGES, 2018) entre as pessoas, mas também refletir em porque fazê-lo, com qual intencionalidade e no conceito de educação que se está propagando.

Destaca-se que a educação em informação é um conceito macro que engloba as competências infocomunicacionais. Assim, enquanto a segunda está relacionada ao conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes voltados à busca e uso crítico da informação, a partir de um viés dialógico e colaborativo que considera as relações sociais; a primeira tem o foco na alfabetização de modo multidimensional, conforme defendem Shapiro e Hughes (1996), que envolve os saberes informacionais e o contexto em que o sujeito está inserido.

Para Mucchielli (1998), enquanto a informação exige a produção de sentido a partir de dados, a comunicação exige a produção de relações a partir da informação. Em sentido coloquial, informação e comunicação aparecem quase como sinônimos. De fato, esses dois conceitos têm fronteiras tênues e muitas vezes permeáveis. Mas, para efeitos deste trabalho, em uma definição operacional, informação demanda a construção de sentido.

Para haver comunicação, por sua vez, além de uma partilha de sentido, é necessário um contexto comum. Mas principalmente comunicação demanda uma atitude psicológica: para ouvir, para querer entender e se comunicar; é por isso que muitas vezes nas redes sociais online, apesar de ter várias possibilidades tecnológicas, várias ferramentas de comunicação,

a comunicação não se realiza porque falta essa atitude psicológica de querer ouvir, querer entender a perspectiva do outro. Ou como diz Mucchielli (1998), a comunicação exige a produção de relações entre as pessoas, estabelecer na relação algum nível de confiança e empatia.

A partir dessa compreensão de informação e comunicação, neste trabalho, a competência em informação envolve saberes (conhecimentos, habilidades e atitudes) para buscar informação, selecioná-la adequadamente, compreender e organizar essa informação para um uso atual, para um uso futuro, avaliar criticamente os conteúdos, as mensagens e ainda produzir conteúdo relevante e pertinente. Esses elementos estão relacionados à noção de informação que se tratou anteriormente.

Já a competência em comunicação envolve construir um contexto, escolher uma linguagem adequada, escolher um canal de comunicação aderente à necessidade e ter uma atitude psicológica para querer interagir com o outro, participar de redes colaborativas, aprender junto, aprender em colaboração, considerar questões de privacidade, de ética. Também a capacidade de lidar com pessoas, até porque muitas vezes o conteúdo que se precisa não chega a estar registrado, ele está com pessoas. Se esse conteúdo está com pessoas, além daquelas competências em informação - saber buscar, selecionar, avaliar -, é preciso acrescentar competência em comunicação. Essa convergência entre competência em informação e competência em comunicação é o que nos levou a propor as competências infocomunicacionais.

Assim, toda vez que se oferece alguma formação que promova um uso adequado, saudável e ético da informação e da comunicação se está, de alguma maneira, incidindo na dimensão formativa. Se essa atuação, contudo, é consciente do potencial educativo pode-se avançar de ensinar as pessoas a realizarem determinados procedimentos para promover uma atitude crítica e criativa perante o universo infocomunicacional; entender como ele funciona para provocar mudanças.

Educar em informação envolve “[...] oferecer, portanto, chaves, bússolas cognitivas que permitam aos navegantes não só navegar, mas apropriar-se crítica e criativamente da cultura da informação [...]” (PERROTTI, 2016, p. 11), para que se promova uma formação que contemple a complexidade do âmbito informacional e que incorpore significado e pensamento aos procedimentos e práticas. Aqui, destaca-se essa parte da apropriação crítica

e criativa da cultura de informação porque isso se coaduna muito com a abordagem educativa que se destacou no início.

Shapiro e Hughes (1996) entendem essa alfabetização como uma arte liberal, essencial para o futuro da democracia, no qual os cidadãos devem ser formadores inteligentes da sociedade da informação ao invés de seus peões; e da cultura humanista, na qual a informação deve ser parte de uma existência significativa em vez de uma rotina de produção e consumo. Fala-se, portanto, de uma noção ampliada de educação em informação. Não se trata de apenas ensinar as pessoas a buscarem e avaliarem a informação, mas de estimulá-las a refletir: “de que informação eu realmente necessito? É aquela que cai na minha caixa postal? É aquela que aparece no meu *feed*? É essa informação mesmo que eu preciso? Ou eu preciso de uma atitude mais proativa, menos passiva de uso da informação? Como eu posso usar essa informação não só para entender o mundo, mas para mudar esse mundo?”

Portanto, a perspectiva da educação em informação é de uma educação reflexiva, crítica e criativa. Para tanto, apoia-se na abordagem freireana que dão ênfase à conscientização do sujeito e à educação problematizadora, associando-as à mediação consciente da informação e ao desenvolvimento da educação em informação, respectivamente. A conscientização é um processo que envolve a tomada de consciência por parte do sujeito a partir, dentre outros aspectos, da ação-reflexão em torno da práxis (FREIRE, 1979). Ao passo que a educação problematizadora consiste em ações educativas pautadas no exercício da crítica, diálogo e na contextualização com o entorno social (FREIRE, 1996).

3 RELAÇÕES ENTRE O PAPEL DO MEDIADOR E A EDUCAÇÃO EM INFORMAÇÃO

Os mediadores da informação têm novas funções agregadas à sua atuação diante do cenário informacional contemporâneo, onde há maior dinamicidade no acesso e uso das informações, variados suportes e formatos informacionais, além da proliferação de informações que necessitam da avaliação de sua veracidade, autenticidade e pertinência. Por isso, tais funções estão diretamente relacionadas a orientar o sujeito informacional a aprender a buscar, avaliar, se apropriar e usar criticamente as informações de forma a satisfazer as suas necessidades.

Nesse sentido, questiona-se, diante das transformações latentes no papel do mediador no século XXI, se a atuação do arquivista e do bibliotecário contempla de forma significativa todo o seu potencial de ação. Tais profissionais precisam se deslocar do status de

“distribuidor” de conteúdos para o de ator consciente no processo de educação em informação, voltar-se à formação do sujeito que consome e produz informação.

O processo de promoção do aprendizado em torno desses saberes é entendido como educação em informação, que consiste em um conjunto de ações multidimensionais voltadas ao desenvolvimento de competências para lidar com a informação e a comunicação. Aqui incluem-se os programas de educação em informação, dentre os quais faz parte o curso de extensão Competências Infocomunicacionais para bibliotecários e arquivistas, que constitui o ambiente da pesquisa.

Este trabalho busca discutir o papel do mediador na educação em informação, isto é, de que forma o profissional pode favorecer a promoção de competências para formação de um sujeito informacional mais ativo, consciente, colaborativo e, portanto, protagonista. Por isso, trabalha-se a confluência entre a mediação da informação, a educação em informação e as competências infocomunicacionais.

A mediação da informação é uma ação de interferência que visa satisfazer uma necessidade informacional, ainda que parcialmente, a partir da apropriação da informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2015). A ação mediadora é compreendida como parte de um processo consciente ou inconsciente que se estabelece na atuação de profissionais como arquivistas e bibliotecários. Já as competências infocomunicacionais integram um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes para lidar com a informação e a comunicação desenvolvidas a partir da conscientização e que podem levar ao protagonismo, qualidade de se perceber enquanto ator principal e ativo que congrega o interesse individual ao coletivo. Portanto, considera-se a promoção dessas competências como um possível caminho para a educação em informação.

Outro conceito que contribui para a reflexão sobre o papel do mediador na educação em informação é o protagonismo, que de acordo com Farias (2015, p. 117), tem relação conceitual com o sociointeracionismo e com o paradigma social da Ciência da Informação ao deslocar “[...] seus atores para o papel principal, por revelar uma dimensão pessoal e ao mesmo tempo plural de convivência com o outro, com a comunidade a qual pertence, promovendo ações de diversos níveis, inclusive informacionais [...]”. Nessa perspectiva, Farias (2015, p. 117) considera que intervir por meio da implantação de ações voltadas à formação pode ajudar o protagonista a “[...] se apropriar da informação em um movimento de produção de conhecimento e de cultura [...]”. Assim, defende-se que tais ações contemplem a promoção

de dois tipos de competências: a nível informacional e comunicacional. De maneira geral, o primeiro ajudará o mediador a lidar com os processos informacionais (busca, avaliação e uso crítico da informação), enquanto o segundo possibilitará a ele dialogar, interagir e negociar com o sujeito.

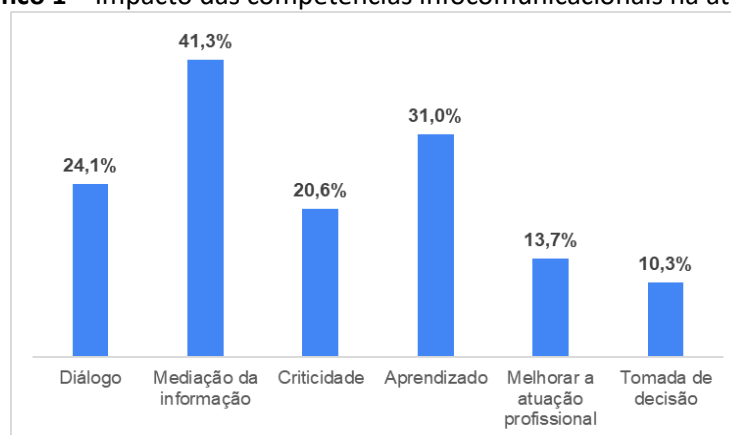
De acordo com os resultados da referida tese (BRANDÃO, 2021), a educação é um dos elementos mencionados como parte do papel do mediador, que vai desde à disponibilização do acesso qualificado à informação, perpassa pela avaliação das fontes e das informações e incide na educação em informação para o alcance de sua autonomia na geração de conhecimentos. Nesse sentido, a próxima seção busca relatar a percepção dos arquivistas e bibliotecários quanto ao papel mediador e à educação em informação.

4 PERCEÇÃO DOS ARQUIVISTAS E BIBLIOTECÁRIOS ACERCA DA EDUCAÇÃO EM INFORMAÇÃO

A aplicação do questionário buscou verificar a percepção dos arquivistas e bibliotecários, especificamente, quanto ao impacto das competências infocomunicacionais na sua atuação profissional, social e cívica; ao papel do mediador na contemporaneidade; às formas de educar em informação; e ao público que necessita dessa educação; bem como identificar se eles já promoveram ações educativas em informação, que tipo de ação foi desenvolvida e com qual objetivo.

No primeiro momento, perguntou-se como saber lidar com a informação e a comunicação impacta na atuação (profissional, social, cívica) dos participantes. O Gráfico 1 demonstra de forma sintetizada os aspectos sinalizados por eles.

Gráfico 1 – Impacto das competências infocomunicacionais na atuação



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Como se pode observar, 41,3% das respostas estão associadas à mediação da informação. Os arquivistas e bibliotecários afirmam que o desenvolvimento de competências para lidar com a informação e a comunicação contribui para a relação com o sujeito informacional, no aprendizado em torno da busca, avaliação, disseminação e uso que facilitará o processo de orientação e formação do sujeito:

Sou bibliotecária, portanto, mediadora de informação. Preciso saber trabalhar com informações (identificar as fontes de informações relevantes e confiáveis, saber como recuperá-las, avaliá-las e repassá-las, por meio de canais apropriados ao meu público-alvo, que são os usuários do meu setor. Se eu não souber fazer isto, não conseguirei agir profissionalmente de forma eficiente (Participante 14). De forma positiva e direta, na medida em que permite uma atuação profissional mais focada no usuário, nos aspectos sociais e na formação de um cidadão mais consciente e crítico (Participante 17). Estas competências facilitam o meu desenvolvimento profissional e me possibilitam encontrar e a lidar com a informação necessária, facilitando a mediação da informação (Participante 21).

A partir dos depoimentos, nota-se a preocupação dos participantes não apenas no desenvolvimento pessoal (31%) - que aparece relacionado ao aprendizado em torno do processo informacional (busca, uso das fontes, avaliação, produção e uso) -, mas em estimular a busca e uso ético e crítico da informação por meio da formação dos sujeitos. Assim, reconhecem que o seu papel se constitui a partir de uma dimensão formativa e política, aspecto que será apresentado no Gráfico 2.

Além da mediação, outros aspectos foram identificados como a contribuição desses saberes para qualificar a relação, interação e diálogo com outros sujeitos (24,1%), no desenvolvimento da criticidade (20,6%): “Saber lidar com informação impacta no desenvolvimento do sujeito como um todo, empoderamento, autoconsciência, maior criticidade e etc.” (Participante 22). A melhoria da atuação profissional de forma geral (13,7%) e o apoio na tomada de decisão (10,3%) também foram mencionados, no entanto, de forma proporcionalmente inferior às demais.

A respeito da percepção quanto ao papel do mediador, apresenta-se o Gráfico 2.

Gráfico 2 – Aspectos apontados sobre o papel do mediador no século XXI



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Conforme ilustrado no Gráfico 2, eles apontaram de maneira mais significativa aspectos como responsabilidade social (51,7%), orientação (24,1%), formação e apropriação do sujeito, cada um representa 20,7% das respostas. A responsabilidade social aparece associada especialmente às demandas sociais no sentido da necessidade de saber lidar com a vasta gama de informações, com o avanço da tecnologia e com a formação de cidadãos críticos:

Ele tem que ser versátil, ligado às tecnologias digitais, colaborativo, atento, mais responsável ainda e com uma escuta mais sensível para que desenvolva suas atividades com a sensibilidade e responsabilidade necessárias para o atual momento (Participante 13). O mediador após entender as necessidades informacionais do(s) usuário(s) deve auxiliá-lo(s) na busca por fontes de informações relevantes, recuperá-las, avaliá-las e extrair delas a sua demanda informacional. E não é tarefa fácil fazer isto no século 21, onde temos uma quantidade vasta de informações disponíveis, porém temos também desinformações, fake news e informações inúteis, e meio a tudo isto estarão as informações relevantes (Participante 15).

A fala do participante 13 também denota a preocupação deles com relação à adaptação às tecnologias, que representou 10,3% das respostas. Além disso, foi apontado por 13,8% funções relacionadas à curadoria da informação (busca, checagem e avaliação) que aparece contextualizada com as *fake news* e a desinformação; e ao diálogo, no qual o participante 1 define o mediador enquanto “Uma pessoa que escuta atentamente, que dialoga aplicando na conversa, forma não violenta de falar e de conduzir o diálogo.” Os dados revelam que a visão dos participantes quanto ao papel do mediador não se restringe apenas à intermediação, apontada por apenas 6,9% deles, mas se aproxima de uma perspectiva dialógica e colaborativa que coaduna com o protagonismo defendido por Farias (2015) e com

a crítica de Almeida Júnior (2015) à representação da mediação enquanto uma ponte entre a informação e o sujeito.

Outro ponto questionado foi como eles acreditam que podem educar em informação, dois tipos de respostas foram dadas para essa pergunta: alguns enfatizam a abordagem (Tabela 1) que conduziria a ação educativa e outros apontaram os recursos que poderiam viabilizá-la.

Tabela 1 – Abordagens indicadas para educar em informação

Abordagem	Total	Percentual
Diálogo	8	27,6%
Ensino	7	24,1%
Acesso/ Disseminação da informação	6	20,7%
Criticidade	5	17,2%
Orientação	5	17,2%
Reflexão	5	17,2%
Atualização	3	10,3%
Capacitação	3	10,3%
Didática	2	6,9%
Inclusão social	1	3,4%

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Quanto às abordagens, destaca-se como as mais indicadas aquelas ações educativas que se dão a partir do diálogo (27,6%), do ensino (24,1%) e do acesso e/ou disseminação da informação (20,7%). Ações pautadas na orientação, no incentivo à criticidade e à reflexão representam 17,2% das respostas cada. Tais entendimentos se alinham à perspectiva freireana que defende a educação problematizadora (FREIRE, 1979). A capacitação é indicada por 10,3% e é associada aos treinamentos, dados que podem revelar resquícios de uma visão instrumentalista com um foco maior na capacitação; já a atualização aparece relacionada à qualificação profissional.

As menos indicadas são a didática e a inclusão social com 6,9% e 3,4%, respectivamente. Destaca-se a preocupação com a didática relacionada aos métodos pedagógicos, a partir das falas dos participantes:

Podemos educar apresentando estratégias, desenvolvendo sequências didáticas, promovendo debates, problematizando o consumo informacional, que muitas vezes é feito de forma automática pelos públicos. É a oportunidade de tornar a nossa comunidade protagonista no uso da informação e tornar os espaços de disseminação e acesso melhores e mais saudáveis (Participante 29). O processo é árduo entretanto pode ser prazeroso quando este é feito por profissionais qualificados para atuarem na área. Na prática esse processo pode ser construído por meio de métodos

educacionais onde podem ter inclusos a própria didática de ensino, treinamentos, narração de histórias, discussões, pesquisa direcionada, estudo de caso, simulados e etc. (Participante 7).

O baixo percentual pode ser considerado um indício de que, embora boa parte dos arquivistas e bibliotecários se preocupem com a formação do sujeito, eles parecem não reconhecer as metodologias e estratégias pedagógicas de ensino como parte substancial do processo. Infere-se que eles reconhecem a importância de atuar na educação em informação, porém muitos ainda demonstram não ter clareza sobre como fazê-lo. Observando essa lacuna, em 2022, Borges, Brandão e Barros organizaram um livro que procurou reunir hipertextos didáticos para promover competências infocomunicacionais.

Em ação educativa realizada e já mencionada neste trabalho, a orientação de um pedagogo se mostrou essencial no apoio à formulação da concepção adotada, na definição dos objetivos e metodologias, bem como na adequação dos recursos utilizados aos objetivos de aprendizagem. A atuação se deu a partir da contratação de uma bolsista de iniciação científica de Pedagogia orientada por uma pedagoga e teve como foco a orientação e a revisão em todo o processo de planejamento do curso.

No que diz respeito aos recursos indicados, são mencionados a criação de conteúdo e a realização de cursos com 6,9% das indicações cada. E no mesmo patamar (3,4%) aparecem: oficina, narração de histórias, palestra, leitura, estudo de caso, pesquisa direcionada, simulados e projetos. A indicação dos recursos foi proporcionalmente baixa se comparada à totalidade das respostas, o que reforça a inferência anterior acerca da pouca clareza sobre como educar.

Ao serem questionados sobre quem precisa de educação em informação, 86,2% responderam que toda a sociedade necessita dessa formação:

Com o avanço da tecnologia e as informações chegando a todo momento, todas as pessoas precisam de educação para informação a fim de saber procurar, localizar e checar as informações que se apresentam (Participante 5). Acho que todos nós, pois o fluxo das informações e desinformações são muito rápidas, temos que estar sempre atentos ao que está acontecendo para não compartilhar notícias falsas ou informações que não contribuem para o bem coletivo (Participante 27). Todos nós: Das crianças pequenas aos idosos, até quem não está inserido digitalmente pode ser valer da educação para a informação, já que o uso da tecnologia pode ser espaço de aquisição e acesso a direitos básicos (Participante 29).

Alguns públicos específicos são mencionados, como os bibliotecários, arquivistas, museólogos, jornalistas, professores, profissões que lidam com públicos diversificados; crianças, jovens, adultos, idosos; e os políticos. Esses resultados se mostram condizentes com a visão em torno do papel do mediador, especialmente, relacionados com a responsabilidade social e a formação dos sujeitos que foi anteriormente discutida.

Além de verificar a percepção quanto às competências infocomunicacionais, ao papel do mediador e à educação em informação, buscou-se identificar se os arquivistas e bibliotecários que participaram da pesquisa já promoveram alguma ação educativa em informação (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Promoveu alguma ação de Educação em Informação



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Os resultados indicam que há um equilíbrio entre aqueles que já desenvolveram alguma ação voltada à educação em informação (48,2%) e aqueles que nunca realizaram (48,1%). No entanto, dentro do segundo grupo (34,4%), a maioria tem a pretensão de promover tais ações, isso mostra que há uma inclinação favorável para a formação do sujeito, conforme demonstrado até aqui. No entanto, esse significativo percentual (48,1%) não pode passar despercebido, pois indica que a atuação desses profissionais pode estar limitada por desconhecerem métodos de promoção de educação em informação.

Isso leva a questionar que tipo de ação foi desenvolvida pelos participantes: 41,3% afirmam ter promovido capacitações e treinamentos, 27,5% atividades de orientação e 17,2% realizado oficinas. Entre os menos indicados estão a realização de palestras e eventos que representam 13,7% das respostas cada (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Tipo de ação desenvolvida



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Quando questionados sobre o objetivo da ação desenvolvida, os resultados se confirmam: 44,8% indicam capacitar ou treinar; outros 17,2% afirmam desenvolver competências específicas; 17,2% divulgar serviços, 13,7% estimular o desenvolvimento de uma consciência crítica-reflexiva; 3,4% entreter. Destaca-se que 44,8% dos participantes não responderam à questão.

Os resultados demonstram que a capacitação e treinamento ainda é a modalidade de ação educativa mais realizada pelos arquivistas e bibliotecários que, apesar de reconhecerem o caráter social e político de sua atuação, bem como a necessidade do desenvolvimento de maior criticidade, postura ética e reflexiva perante à informação, ainda encontram-se presos aos moldes tradicionais de educação, conforme criticava Freire (1979, 1996) e Perrotti (2016) ao se contrapor a visão instrumental e defender a infoeducação. Cabe, portanto, reforçar a necessidade da reflexão em torno da práxis que se dá por meio da conscientização para que essa concepção voltada à pedagogia crítica possa repercutir na atuação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação em informação defendida neste trabalho se baseia na proposição freireana de uma educação que estimula a reflexão. Essa reflexão é levada a campo, atua e por sua vez realimenta a reflexão e a ação. As competências infocomunicacionais estão fortemente amparadas nessa abordagem, ou seja, não se trata de meramente ensinar as pessoas a realizarem determinados procedimentos, mas promover uma atitude crítica e criativa perante o universo infocomunicacional, entendendo como ele funciona para provocar mudanças.

Os profissionais reconhecem a educação em informação como parte de seu papel mediador, no entanto ainda não têm clareza sobre como fazê-lo. Embora a concepção de educação em informação esteja gradativamente inclinando-se para uma perspectiva dialógica, crítica e reflexiva, a prática desenvolvida ainda traz resquícios de uma visão instrumental.

Futuras pesquisas podem contribuir com o campo ao levantar e analisar boas práticas. Algumas experiências vêm sendo conduzidas, mas ainda há carência de um repositório de recursos educacionais e didáticos que possam ser aproveitados por arquivistas e bibliotecários e em sua práxis educativa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo; SILVA, Rovilson (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Persona, 1977.

BORGES, Jussara. Competências infocomunicacionais: estrutura conceitual e indicadores de avaliação. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 28, n. 1, p. 123-140, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/38289> Acesso em: 11 set. 2023.

BORGES, Jussara; BRANDÃO, Gleise; BARROS, Susane Santos (Org.). **Educação para a informação**: como promover competências infocomunicacionais. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/educacao-informacao> Acesso em: 11 set. 2023.

BRANDÃO, Gleise. **A mediação da informação e o papel do mediador**: perfil e competências necessárias para uma atuação consciente. 2021. 225f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34438> Acesso em: 11 set. 2023.

FARIAS, Maria Giovanna. Mediação e competência em informação: proposições para a construção de um perfil de bibliotecário protagonista. **IncID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 106-125, set. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/101368> Acesso em: 11 set. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 68.ed. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

HELLER, Bruna; JACOBI, Greison; BORGES, Jussara. Por uma compreensão da desinformação sob a perspectiva da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 49, n. 2, p. 189-204, maio/ago., 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/5196> Acesso em: 11 set. 2023.

MUCCHIELLI, Alex. **Les sciences de l'information et de la communication**. 2. ed. Paris: Hachette, 1998.

PERROTTI, Edmir. Infoeducação: um passo além científico-profissional. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 4-31, jul./dez., 2016. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/28314> Acesso em: 11 set. 2023.

SCHNEIDER, Marco. **A era da desinformação**: pós-verdade, fake news e outras armadilhas. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

SHAPIRO, Jeremy; HUGHES, Shelley. **Information literacy as a liberal art**: Enlightenment proposals for a new curriculum. 1996. Disponível em: <https://www.educause.edu/ir/library/html/erm/31231.html>. Acesso em: 11 set. 2023.